

O homem é bom



» JOSÉ SARNEY
Ex-presidente da República,
escritor e imortal da Academia
Brasileira de Letras

Natal. Ela me respondeu com dificuldade: “Meu pai tinha uma carroça em que trabalhava para dar de comer para minha mãe e meus irmãos. Caiu numa ribanceira, e o jumento morreu. Peço que dê um jumento para ele.”

Na época, publiquei na *Folha de S. Paulo*, na coluna que ali escrevia, uma crônica sobre este fato, e até hoje o rememoro com a certeza de como o ser humano é bom: um jumento para o pai foi o pedido que ela fez à beira da morte!

Pois recebi agora um presente muito diferente, mas que também mostra a bondade mais pura: um amigo meu de Sucupira do Norte, a mais simples das pessoas, trouxe, em meio ao drama que está passando, com seu pai internado no Hospital Aldenora Bello, um presente para mim: uma galinha, um pouco de mel de tíuba e cascas de jatobá, me dizendo que esse era um remédio para minha velhice ser prolongada. Que coisa admirável. Esse talvez seja o presente melhor que recebi nos últimos anos. O mel é ouro, o frango é prata, o jatobá, diamante.

Cristo tem uma pregação sobre presentes quando conta da viúva pobre que depositou no cofre das esmoladas duas moedas pequenas, de pouco valor. Os ricos depositavam grandes dádivas. Jesus diz a seus discípulos: “Esta viúva deu mais do que todos os outros.” E acrescentou: “Ela doou aquilo que tem para viver, na sua pobreza.”

Realmente, nem todos os presentes suntuosos demonstram generosidade. O mais conhecido deles é aquele que os gregos relatam em sua mitologia, pelo que até hoje se diz quando um presente é ruim: “Isso foi um presente de grego.” O fato se refere ao cerco de Troia, que durava 10 anos. Então, os inimigos mandaram de presente um cavalo de madeira muito bonito e grande à cidade. À noite, depois que o cavalo passou pelo portão, de dentro

saíram muitos soldados que abriram todas as portas da cidade e por elas entrou o Exército grego. Esses presentes são da maldade.

Mas há, sim, muitos presentes generosos que mostram que os homens são bons. A Princesa Isabel, aquela que libertou os nossos escravos e assinou a Lei Áurea, deu um grande presente, este de Rei, à Nossa Senhora Aparecida: uma coroa que está até hoje sobre Sua cabeça: uma bela coroa de ouro e brilhantes. Certamente, essa prova de fé e reverência não era caridade, mas homenagem e devoção. Era aquilo de que Cristo falou, de excesso em sua fortuna.

Mas o presente de uma atitude, de uma vontade, e não algo material, recebi do meu bisneto Antônio, que mora em Fortaleza. Ele tinha cinco anos quando esse fato aconteceu. Era seu aniversário, e sua mãe, minha adorável neta Ana Thereza, criatura bela de alma e também fisicamente bela, fez uma festinha para o filho e perguntou-lhe o que queria ganhar de presente naquele dia em que completaria seis anos, já sabendo ler e escrever. Antônio respondeu: “Mamãe, eu peço a Nossa Senhora para mandar baixar o preço das passagens aéreas para São Luís pra gente viajar pra lá e ver meu bisô (bisavô).”

Fiquei derramado em felicidade quando minha neta logo telefonou contando seu pedido. É que ela, quando o filho pedia para ir a São Luís, onde hoje moramos, respondia sempre que o preço alto das passagens aéreas impedia muitas viagens para cá.

Eu, com esses gestos de bondade e pureza, não vou pedir para baixar o preço das passagens, mas vou tomar meu chá de jatobá e, na minha idade, não vou deixar de olhar para este mundo cão e dizer em alto berro: o homem e a mulher são boas e adoráveis criaturas!

Não é falta de assunto. O Brasil está vivendo uma tempestade de crises. E a humanidade está se agredindo com a demonstração de uma violência devastadora que nos fere a alma no testemunho do que acontece em Gaza, na Ucrânia, na Líbia e em outros conflitos menores, além do terrorismo desumano que espregueia em qualquer lugar, fazendo vítimas no mundo inteiro.

Mas não é disso que vou tratar: é justamente do lado bom da humanidade, que está nos pequenos gestos, nos desinteressados afetos e carinhos puros dos namorados, dos casais e dos heróis que dão a vida pelos outros, nas missões de caridade espalhadas pelo mundo inteiro, salvando a vida de mães, pais, filhos e órfãos.

Escrevo com a alma cheia de reconhecimento da bondade humana, da pureza de alguns gestos que nos comovem e nos levam a meditar sobre o coração de homens e mulheres.

Sou testemunho de alguns desses gestos que marcaram a minha vida. Certa vez, perto do Natal, fui visitar os enfermos de UTI levando uma palavra de conforto aos doentes. Sempre o fiz no anonimato. No Hospital Sarah de Brasília, parei ao lado do leito de uma menina que estava em seus últimos suspiros. Tinha me aproximado dela ao perceber seu estado. Tive um gesto de carinho com ela e perguntei-lhe o que desejava de presente de

Caio Gomez



Tudo passará



» ORLANDO THOMÉ
CORDEIRO
Consultor em estratégia

Um dos artistas mais populares que o Brasil conheceu foi Nelson Ned. Nascido em 1947, enfrentou todo tipo de preconceito, tanto por seu repertório considerado “brega” quanto por seu nanismo. Ao longo da carreira, iniciada na década de 1960, vendeu cerca de 45 milhões de discos entre compactos, LPs e CDs. Recorri ao nome de sua canção de maior sucesso para dar o título à coluna de hoje.

É certo que o Brasil inteiro vive a tensão provocada pelas ações de Donald Trump contra nosso país, em um movimento combinado com o deputado Eduardo Bolsonaro e que gera um cenário de insegurança e incertezas. Por acreditar que esse quadro será superado, prefiro continuar a abordar um futuro que terá como marco inicial as eleições gerais de 2026.

No que tange à disputa presidencial, tudo indica que veremos “o futuro repetir o passado” e “um museu de grandes novidades”, como eternizado por Cazusa em seus versos. As pesquisas de opinião têm indicado que deveremos ter a repetição do que vivenciamos em 2018 e 2022, quando os mesmos dois polos políticos viram seus principais representantes sendo vitoriosos por apresentarem menor rejeição. Ou seja, a opção do eleitorado tende a continuar sendo reativa, e não propositiva.

Porém, ainda que a disputa pelo Executivo

federal seja, historicamente, a que mobiliza a maior atenção da população e da mídia, é imperativo lembrarmos que, no próximo ano, serão renovadas 513 (ou 531) vagas para a Câmara dos Deputados e 54 para o Senado Federal, o equivalente a 2/3 do total. Considerando que nos últimos anos temos vivido uma crise constante no relacionamento entre os Três Poderes, parece-me ser a disputa pelo Legislativo a mais relevante.

Em relação à Câmara alta, temos visto que os dois polos têm repetido à exaustão quererem eleger candidaturas em quantidade necessária para formar a maioria. E é compreensível, já que ali são submetidas à aprovação as indicações para ocupantes das Cortes superiores do Judiciário, das agências reguladoras, da diplomacia, do Banco Central. Por outro lado, o crescente protagonismo do STF nos embates com o Congresso Nacional é um ingrediente que potencializa esse interesse.

Também chama a atenção a mudança de perfil de atuação dos senadores em que o comportamento predominante tem sido marcado pelos embates ideológicos, como se fosse uma mera extensão da Câmara Federal, deixando para trás o papel historicamente predominante de Casa revisora e de representação federativa. Por ser um pleito em que a escolha é definida pelo voto majoritário, não se pode afastar o risco de que tal característica seja aprofundada com a eleição de nomes sem experiência. Não à toa há projetos legislativos propondo reduzir a idade mínima prevista na Constituição dos atuais 35 anos para 30 anos, de modo a beneficiar candidaturas que utilizam as redes sociais como instrumento de lação.

Já na Câmara federal, os desafios são de outra

natureza. A começar pelo sistema eleitoral proporcional que gera uma grave e conhecida distorção na representação. A saída sustentável passa pela adoção do sistema distrital, puro ou misto. Entre as vantagens desse modelo, destaco duas: acabar com o conhecido problema de votos recebidos por uma candidatura serem contabilizados para eleger uma outra; e maior proximidade entre o cidadão e o candidato eleito em seu distrito, permitindo um real acompanhamento e monitoramento de sua atuação parlamentar.

Como em curto prazo essa mudança não se apresenta como provável, é necessário identificar maneiras de melhorarmos a qualidade da representação naquela casa, sem perder de vista que ali é o espaço adequado para expressar as diferentes correntes de pensamento existentes no país. A valorização dessa diversidade é base para o fortalecimento da democracia representativa. Nesse sentido, há diversas iniciativas levadas adiante por grupos organizados da sociedade civil que têm procurado estimular o debate e a consequente ação com foco no processo de escolha de representantes para os Legislativos, nos planos nacional, estadual e municipal.

Porém, o maior obstáculo para o imprescindível aprimoramento tem sido o crescente ceticismo que tem tomado conta de cada vez mais parcelas da população. Infelizmente, a ideia de que a atividade política é sinônimo de ilegalidades acaba sendo alimentada pelos inúmeros maus exemplos que povoam o noticiário cotidiano.

Diante disso, só nos resta continuar lutando para aprimorar o processo eleitoral. Afinal, a história da humanidade comprova que fora da política só resta a barbárie.

Visto, lido e
ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) //
circecunha.dj@dabr.com.br



De cabeça para baixo

Dizem, com propriedade, que a arte imita a vida. No caso da cartografia, surgida por volta do ano 2.500 a.C., com os Sumérios e aperfeiçoada nas escolas de Alexandria e Atenas, essa arte foi talvez a mais importante desenvolvida pelo gênio humano para entender o mundo à volta, tornando possível sua exploração com mais segurança e objetivo.

Hoje, tornou-se comum aceitar o fato de que a cartografia serve também para ilustrar não só a realidade física e topográfica do lugar, mas também sua realidade social, econômica, histórica e cultural. Portanto, trata-se de um campo complexo em constantes mudanças e que exige elaboração e rigorosa investigação científica.

Trata-se, aqui, de um retrato fiel ou fotografia do mundo como ele é, e não como querem alguns, para os quais o mundo deve ser retratado como desejam governos e conceitos de plantão. No caso daqueles países virados de cabeça para baixo, não por ação da inversão dos polos magnéticos, mas pela inversão de valores, a cartografia pode servir também para tentar conferir uma nova e fantasiosa realidade bem ao gosto dos novos mandatários, para os quais a realidade é o que eles querem que seja. Desse ponto, chegamos ao mapa do Brasil e do globo virados de cabeça para baixo e apresentados ao público pelo presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Marcio Pochmann, e a ex-presidente Dilma Rousseff.

Como resultado dessa empreitada geográfica, o Brasil ficou situado no centro do mundo, como o Hemisfério Sul indo parar no topo. Para seu idealizador, a novidade visava ressaltar a atual liderança de nosso país em fóruns como o Brics e a COP30, neste ano. É a tal da importância crescente do chamado Sul Global, que a novilíngua na atualidade significa destruir a hegemonia do dólar e dos Estados Unidos, substituído agora por outros players como a Rússia, China e outros parceiros dessa empreitada ideológica.

Para um país como o nosso, que está sendo virado pelo avesso, normalizando absurdos e indo ao encontro ao que hoje é Cuba, Venezuela, Nicarágua e outros países do nosso continente, a reviravolta geográfica faz todo o sentido. Num país virado de cabeça para baixo, o povo é triste, as perspectivas são nulas, e fazer oposição é risco de vida. Nada mais natural, então, do que apresentar o Brasil de cabeça para baixo.

Pochmann, com sua inteligência aguçada, conseguiu o que muitos cartunistas nem pensavam: ilustrar um país na sua condição real de momento. O episódio do “mapa de cabeça para baixo” é um símbolo perfeito de uma era em que a percepção da realidade é disputada como nunca. A cartografia, que sempre foi uma ferramenta objetiva para representar o mundo, agora é usada como palco de convicções particulares e políticas. A inversão do mapa é um gesto que vai muito além do design gráfico: ele traduz uma tentativa de reescrever o papel do país no tabuleiro global, ainda que de forma simbólica. Ao ser apresentada como um ato de afirmação política, ela escancara uma tendência: a de usar símbolos e discursos para criar uma sensação de grandeza que não necessariamente corresponde à realidade socioeconômica do país.

Enquanto se fala em “liderança global” e na força do chamado Sul Global, o Brasil enfrenta algumas crises internas na economia, na segurança e nas relações internacionais. A cartografia, nesse contexto, vira metáfora: ao colocar o Brasil no “alto do mapa”, tenta-se transmitir uma ideia de protagonismo que o cotidiano do cidadão comum não sente. Essa crítica faz sentido ao lembrar que, em um país, onde valores estão sendo “invertidos”, no sentido de normalizar o absurdo, ver o mapa de cabeça para baixo soa como uma imagem fiel de um momento de distorções.

Talvez, o maior mérito dessa polêmica seja, justamente, o de escancarar, por meio de um símbolo simples, o quanto a realidade está sendo “desenhada” de acordo com certas conveniências. O Brasil, ao que parece, não está apenas no centro do mapa, mas no centro de uma inversão de valores, normalizando absurdos em suas tentativas de reescrever nossa história com tintas carregadas de tons cinzentos e vermelhos. Como diziam alguns, a propaganda é a arte de fazer com que as pessoas esqueçam a realidade, acreditando numa mentira do tamanho do mundo, tornando palatável a revolução que os leve, sem protestos, a um governo capaz de enganar a tantos com tão pouco.

A frase que foi pronunciada:

‘Não devo a ninguém minhas eleições, a não ser ao povo deste país.’

Lula, em discurso, ontem, no Vale do Jequitinhonha

História de Brasília

O comércio de Brasília está atormentado com o número de publicações clandestinas que vem circulando nesta capital. Como não poderia deixar de ser, a imprensa marrom está nestes casos, extorquindo dinheiro e impondo-se através de chantagens. (Publicado em 6/5/1962)